

Sucessão de 2002 já atropela novo mandato de FH

ACM absoluto no PFL; PSDB tem Serra, Tasso e Paulo Renato; PT, Tarso e Cristovam; PMDB é incógnita; no PPB, Maluf

Jorge Bastos Moreno

• BRASÍLIA. A sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso está deflagrada antes mesmo do segundo mandato. Aprovada a reeleição, em 28 de janeiro de 1997, a eleição de ontem foi, na prática, transferida para 2002. O segundo mandato de Fernando Henrique passou a ser visto como algo inevitável, como as urnas acabam de comprovar.

No caso da oposição, enquanto o PT arrastava Lula para sua terceira disputa presidencial, na verdade o que os petistas faziam era retardar o confronto interno das candidaturas de Tarso Genro e Cristovam Buarque, esta última condicionada agora, naturalmente, aos resultados da disputa pelo Governo do Distrito Federal.

Dentro da base política que sustenta a aliança eleitoral de Fernando Henrique, o principal parceiro do PSDB, o PFL, foi o primeiro partido a pular o calendário: já em 3 de outubro de 1994, mal as urnas confirmavam a preferência por Fernando Henrique, lançava o projeto "PFL 2000", alimentado pelo sonho de fazer de Luís Eduardo Magalhães seu candidato à Presidência.

o cargo com 71 anos. E, quem sabe, se ninguém mexer na Constituição até lá para aprovar um terceiro mandato, ele poderá disputar a sucessão do seu sucessor com a mesma idade com que Tancredo Neves se elegeu.

Ulysses conseguiu um argumento psicológico, na campanha de 1989, para afastar esse fantasma, encomendando o jingle "bote fé no velhinho, que o velhinho é demais". De certa forma, um plágio da campanha de Getúlio Vargas, eleito em 1950 aos 67 anos. O argumento político definitivo foi dado no meio da campanha, quando o "velhinho" não agüentava mais as críticas do candidato Fernando Collor: "Sou velho, mas não sou velhaco".

Idade não será problema no partido de Fernando Henrique, o PSDB. Seus candidatos em potencial são o governador Tasso Je-

reissati e os ministros da Educação, Paulo Renato, e da Saúde, José Serra, todos na casa dos 50. As chances de Tasso não mudam se ele permanecer no Governo do Ceará ou, como é bem provável, for ministro de Fernando Henrique.

Serra é considerado o melhor ministro do Governo. Ajudou o PSDB a ganhar fôlego em disputas consideradas perdidas, como as de governador em Mato Grosso e em Minas Gerais e na de senador no Espírito Santo. Detesta os políticos e é detestado por eles, principalmente os do Nordeste. Tem forte apoio do empresariado.

Serra pode sair antes mesmo do início do segundo mandato

Com a experiência bem-sucedida no Governo Franco Montoro em São Paulo e, agora, com o seu

desempenho na Saúde, Serra tende a ser caracterizado como o grande administrador e, com isso, inibir a fama entre os políticos de antipático, que faz questão de cultivar.

Cortes em sua pasta, no entanto, levam seus amigos a admitir sua saída do Governo talvez até antes do início do segundo mandato de Fernando Henrique.

Paulo Renato realizou, segundo os especialistas da área, um trabalho modesto, não a revolução prometida, mas com resultados promissores a médio e longo prazos. Em todo caso, Paulo Renato não deve se vangloriar muito de ser ministro da Educação de um país em que, de 106 milhões de eleitores, só 3,4 milhões, ou 3,28%, têm curso superior. Mas o projeto de Paulo Renato é o Governo de São Paulo.

Com Tasso, dizem os pefelis-

tas, a composição é mais fácil. Os dois podem ser ameaçados, dependendo dos resultados das urnas, pelo governador de Minas, Eduardo Azeredo.

O PMDB, outro partido da base governista, é o maior fenômeno da política. Ele é a encarnação da frase do seu maior expoente e criador, Ulysses Guimarães: "O PMDB é como pão-de-ló: quanto mais se bate, mais cresce". Ele e o PT são os partidos mais organizados. Mas, como o PT, vive uma confusão interna.

Jogo no Congresso pode prejudicar o PMDB

As previsões sombrias de um segundo mandato difícil para Fernando Henrique, que terá de usar toda espécie de "argumentos" para aprovar projetos no novo Congresso, tornam o PMDB o partido ideal para assumir o mesmo pa-

pel dúbio de sempre, o de ser governo e oposição ao mesmo tempo. Se não romper com essa estrutura, a candidatura emergente de Antônio Britto tenderá a ter o mesmo destino das de Ulysses, em 89, e de Orestes Quércia, em 94. E o partido tem como expoentes dois ex-presidentes, José Sarney e Itamar Franco.

Já o PPB, com a surpresa do crescimento no Rio com a candidatura Roberto Campos ao Senado e com algumas alianças regionais, poderá trazer novamente à disputa Paulo Maluf. Maluf independe dos resultados da eleição na qual está envolvido no momento. Mas não é provável que até 2002 tenha o apoio circunstancial obtido do PFL para as eleições em São Paulo. Afinal, foi de sua candidatura em 84 pelo PDS que um grupo de antimalufistas ferrenhos resolveu criar o PFL. ■